

O Crepúsculo

I

Vejo trevas e luzes,
florestas,
montanhas;
estradas escuras, terríveis, estranhas...
no reino das sombras que falaram comigo
sobre os fins e os meios.

II

No vale das sombras
a sombra da morte;
da morte de todos que andaram comigo
no vale dos corpos...
que fugiram de mim.

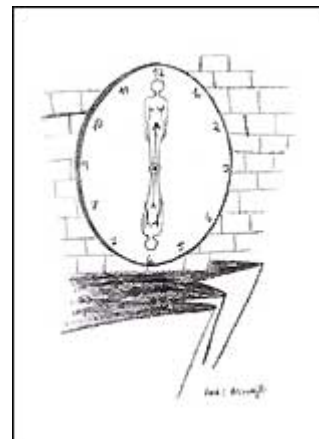
III

Ponteiros

Grande corpo de mil faces,
dançarino de vários ritmos,
és feroz viajante sem rosto,
uma bela caixa vazia;
és a arma que matou meus sonhos...
o pesadelo que vai me matar.

CAPÍTULO 1

2046. Em sua adolescência o ano 2000 fascinava o mundo. Seria a véspera do terceiro milênio, a ante-sala da Era de Aquário; seria o começo do futuro, a ficção científica a se tornar realidade. Lembrar toda aquela expectativa e excitação tornava estranhos os quase cinquenta anos passados desde a virada do século, que era agora uma lembrança distante, um pouco mais próxima do que recordações ainda mais remotas.



Era hora de recordar. Quando o presente é a imobilidade e o trem chegou ao fim da linha, o que mais se pode fazer? A parte maior de sua mente estava dominada por reminiscências dispersivas e caóticas. Eram muitas as lembranças e raras as tentativas de julgar atitudes e atos. Julgar para quê? Tirar lições para o futuro? Mas que futuro? Não haveria futuro nenhum; não para ele. Ou melhor, talvez houvesse, talvez ele fosse mais do que um corpo a se extinguir; mas como poderia saber? Sua única quase certeza (pois ainda restava um fio de esperança) lhe dizia que para aquele corpo e aquela identidade – construída em grande parte por experiências que ninguém mais vivera ou viveria – o futuro já tinha chegado e se mostrara um presente terminal. Pela primeira vez ele percebia o significado mais importante da palavra futuro: é o fim da linha com um abismo na frente, uma parede nas costas e um bloco de concreto a descer sobre a vida... na presença da morte. Quando não existe mais nada adiante, então se atingiu o futuro. E, quando isso acontece, o passado se agiganta. Sem nada na frente para se olhar, olha-se para trás, pela pequena janela. Sem nada adiante para se pensar, pensa-se no que passou. O futuro é passadista.

* * *

Futuro não há mais,
pois o futuro já chegou
e o passado agora é tudo,
pois o presente é só lembrança,
memória do que passou,
que mostra pedaço a pedaço
do tempo que se tornou
mero fio de esperança...
pois o futuro já chegou.

* * *

Eu me lembrava do futuro,
do que fazer no ano seguinte.

Eu me lembrava do presente,
do belo presente que eu queria comprar.

Eu me lembrava também de sua face atraente,
de convidá-la ao prazer
de um longo jantar.

Mas agora só me lembro (com um pouco de sentido)
dos minutos que voaram para muito além do mar,
do grande mar que me separa da semana que passou;
da semana que voou... para nunca mais voltar.

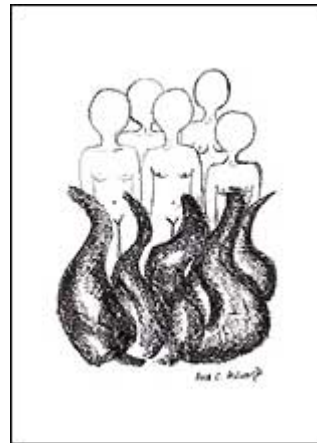
* * *

Enquanto me acabo sozinho
(enquanto o mundo se vai)
penso em tudo que já fiz
ou não quis,
não farei mais.
No que poderia ter feito

ou não me deixaram fazer;
no que tristemente não fiz...
por simplesmente não ver.

CAPÍTULO 2

Ele estava numa pequena colina, em pé, sozinho, olhando o pôr-do-sol e sentindo a nostalgia do horizonte vermelho. De repente se sentiu observado. Olhou para baixo: havia uma multidão em sua frente. Olhou ao redor: havia uma multidão a sua volta. Os mais próximos olhavam para ele fixamente, impassíveis, parecendo não vê-lo. Eram rostos frios, imóveis, estranhos... e conhecidos! Conhecia todos que estavam perto da colina. Devia conhecer os outros também, os que estavam mais longe, cujas feições não conseguia ver.



Não havia um só inimigo entre eles, nenhum dos que ganhara ao longo dos anos. E mesmo assim se sentia ameaçado: pareciam mortos-vivos, zumbis de filme de terror prestes a avançar sobre ele, de maneira lenta mas inexorável; e prontos para destruí-lo no silêncio só interrompido pelos gritos da vítima.

Eles pareciam acusá-lo de alguma coisa; talvez do que não fizera, do que deixara de fazer. Não suportava mais a imobilidade e o silêncio, mas não tinha coragem de descer da colina e misturar-se aos zumbis. Teria que falar lá de cima ou ficar calado, o que mais poderia fazer? Quando falou, parecia estar com raiva. Na verdade, estava com medo, morrendo de medo.

— O que vocês querem? Vocês também têm suas dívidas. Vocês também devem muito!

Não houve resposta. Continuou a acusação muda. Ou a indiferença. O que seria pior?

O tempo passou,
a noite caiu,
no lugar do dourado ergueu-se o mistério do negro...
e quase nada mudou.

Não via mais a multidão, a não ser algumas sombras ao pé da colina. Mas sentia sua presença, a força opressiva do seu silêncio, o peso sombrio da sua mudez. Na escuridão a angústia cresceu; e ele começou a suar frio. Acordou de repente, talvez por causa do suor. As sombras ao seu redor eram outras. Embaixo do seu corpo havia uma cama, não uma colina. “Que merda!” Vinha tendo pesadelos. Acendeu a luz, pegou o livro; lá estava o poema. Mas não o leu. Fechou o livro, apagou a luz e tentou pensar em outras coisas. Adormeceu. E acordou na colina. O sol já nascera e os zumbis ainda estavam lá. Mas suas feições eram cada vez menos nítidas. Homens e mulheres sem rosto. Desmanchavam-se. Cinzas cobrindo a relva selvagem do campo. O vento. Dispersou as cinzas. Para longe. Para onde?

Estava só na luminosa manhã.

* * *

Desta vez não resistiu. Leu:

Os corpos que deixei no caminho
levantam-se para me assustar.

E as almas que viveram comigo
sumiram no tempo,
me deixando sozinho.

O livro se chamava O Inimigo. Nome apropriado, sem dúvida, pois ele segurava com indisfarçável prazer o estandarte da desmistificação:

Ecos da Grande Máquina

Tão superficiais
quanto populares
e tão difundidas
quanto infundadas
são as crenças que te ensinaram,
e que agora simplesmente propagas.

E parecia às vezes ter um prazer sádico em tripudiar sobre ilusões perdidas:

O sonho dourado que te ensinaram
desde cedo a sonhar
acabou se revelando cinzento.

E o mundo encantado
onde te convenceram que irias morar
mostrou-se incapaz de sustentar seu encanto,
abrindo as portas à melancolia.

Tua velha utopia desmanchou-se no pranto
ao mostrar sua face fria,
ao sair dos teus sonhos,
ao se realizar.

Outras vezes parecia ter a intenção de produzir tristeza, desânimo, pessimismo, depressão, angústia, melancolia...

Sobras do tempo,
restos da vida.
Sentimento esquecido,
flutuando sem rumo com o fim de um sonho;
pensamento tristonho...
esperança perdida.

Mas talvez ele fosse apenas um realista:

Sentado no verde da grama,
albedo e cinze de lama no outro lado do muro

o mundo parece seguro...
até que a vida me chama.

E talvez fosse na verdade um grande amigo, preocupado em evitar surpresas desagradáveis:

O vento que me leva adiante
também pode virar o meu barco;
O almoço hoje tão abundante
um dia já foi muito parco;

E o que vale aqui dentro um milhão
na Alemanha pode ser que não valha
sequer um mísero marco.

Ele não gostava de ilusões acomodadoras. Nada de apresentar o pálido como se fosse brilhante:

No crepúsculo de uma tarde comprida
(uma tarde a mais
em mais uma vida)
vê-se o fim de um dia
totalmente banal.

A noite começa como todas as outras
noites tão frias de uma vida miúda,
arrastada
e muda,
ou simplesmente normal.

Falava de momentos de desânimo, é verdade. Por que não, se eles existem.
Mas não pregava a imobilidade:

No tapete macio
ou no mais duro caminho,
na sombra acolhedora
ou no sol abrasador,
nas águas calmas do lago
ou na correnteza do rio,
no meio de muita gente
ou totalmente sozinho,
é preciso ir em frente...
pois a hora não chegou.

Falava de sensações de impotência, mas não pregava o conformismo:

É preciso que às vezes se faça
de uma vida uma guerra,
de uma mente uma arma
e de um corpo um escudo.
Para se defender
e contra-atacar
e golpear a fortaleza inimiga.
Até se obter
e se consolidar a importante vitória,
o novo rumo da história que se pretende fazer.

E que é trabalhoso
mas indispensável
preparar e construir,
atingir e conquistar.

Embora parecesse amargo de vez em quando:

A fogueira se apagou
e só restaram as cinzas,
que o vento levou para longe daqui.
E da fogueira tão grande só restou a lembrança.
Construída sobre a marca de fogo
que o fim da esperança deixou.

E melancólico:

Estações

No inverno ele foi o frio
que congelou emoções;

Na primavera ele foi uma flor
que não chegou a brotar;

No verão ele foi o calor
que sufocou as paixões;
E no outono
uma folha amarela
que nem mesmo o vento se interessou em soprar.

Mas também esperançoso e otimista:

Ele encontrou a faísca
que acendeu o pavio
e provocou a explosão
que tocou fogo no frio
que congelara seu corpo
e ao fazê-lo vazio
fora sua prisão.

Ele podia ser muito agressivo, como todo inimigo:

És pedaço de terra
que nada produz,
arremedo de luz
que não ilumina;
uma trágica sina
que não se reduz,
na escuridão
que nunca se encerra.

Ou irônico, como precisam ser os inimigos verbais:

Das histórias de amor
prefiro as tragédias.
São poéticas

e dramáticas,
têm a força da tristeza.
Enquanto as de final feliz
nunca produzem mais
que enfadonhos casais
e pobres vidas domésticas.

E ainda ironicamente agressivo:

Estou farto do seu gelo,
do seu excesso de zelo,
de sua mania irritante
de arrumar minha estante e corrigir meu andar.

Estou cheio e cansado
de sua neurose simétrica
e sua mania patética de colocar cada coisa,
cada pequeno objeto,
cada olhar,
cada gesto
em seu devido lugar.

Podia ser enigmático, como os inimigos misteriosos:

Os velhos fantasmas
(atormentantes e atormentados)
devem ser exorcizados em longa noite eletrizante,
quando a velha conta pendente
será finalmente ajustada.

Ou absolutamente claro, como os inimigos indignados:

Discurso Vazio

As letras formam sílabas
que montam palavras
que moldam sentenças
que fazem discursos
que nada mais são
do que o silêncio.

Inimigo de uns, aliado de outros; inimigo de todos, diriam alguns.

O Inimigo falou de muitas coisas, inclusive de si mesmo. Na terceira pessoa, como quem não tem nada a ver com a história; mas falou:

Ronda o perigo,
espreita o inimigo.
Ele quer te olhar,
quer te ver,
te tocar;
seu desejo é saber,
aprender e mostrar
como transformar o que é
(herança daquilo que foi)
no que ainda será.

Ele quer que tu vejas
o que não querias notar;

E te levar a dizer
o que querias calar.

Ronda o perigo,
espreita o inimigo.
E por mais tempo que leve
tu não vais escapar.

CAPÍTULO 3

Desencontros

Quando eu chorava
você sorria,
quando eu fazia
você descansava.
Se eu ensinava
você não aprendia,
e se você insistia...
eu não aceitava.

CAPÍTULO 4

Das sombras em que vivia
emergiu a ameaça;
que saiu à luz do dia,
perseguiu a sua caça
e destruiu de muitas vidas
a alegria e toda a graça.

* * *

Quando eu era uma criança
as moscas dormiam cedo
no ar tropical noturno
da cidade onde eu morava.

Quando eu era uma criança
as pessoas tinham medo,

pois no ar meio soturno
um governo as assustava.

Condenando ao degredo
(quando não coisa pior)
aqueles que se chamava
de guardiães da esperança.

Enquanto o velho João Cordeiro
mais um turno trabalhava.

* * *

O sol estava forte
e o dia muito quente,
e as ruas fervilhando
de automóveis e gente,
que dormiu e acordou cedo

para ver a fonte do medo
desfilar garbosamente;
na parada dos insetos,
no desfile dos dementes
que naqueles dias incertos assombravam a vida do povo;
naquele momento e de novo
depois de a parada passar;
no sol escaldante do dia
e na temperatura
um pouco mais fria
depois de outra noite cair sobre a terra
onde havia o terror de uma guerra
contra quem se atrevesse a lutar.

* * *

São lembranças de um tempo inimigo,
que só deixou saudade de coisas que nada tiveram a ver
com o espírito maldito da época
em que, por coincidência, calharam de acontecer.

CAPÍTULO 5

O Inimigo acordou assustado naquele dia. Que ano foi? 1985, 86, 87... por aí. Fracassara na véspera mais uma rodada de negociações sobre armas nucleares. A imprensa voltara a semear o pânico a respeito da Aids. O jornal falava de roubos de automóveis e assaltos a mão armada. O Inimigo estava indignado, enfurecido... e aterrorizado:

Tenho medo da Aids
e da guerra nuclear.
E de que roubem o meu carro,
deixando-me a pé para ser assaltado
na primeira esquina por onde eu passar.

* * *

Se a destruição geral me aterroriza,
ainda mais o faz o holocausto particular.
Que morramos todos
na solidariedade de uma dor comum.
Mas que eu não morra só
(ou na companhia de alguns)
enquanto os outros se regozijam
por terem escapado da catástrofe.

CAPÍTULO 6

Por mais de um ano sonhei com ela,
abalado por suas idas e vindas.
Dentre todas era a mais bela,
a mais bela entre as mais lindas.

Mas um belo dia tudo aquilo acabou.
Como e por quê, eu francamente não sei;
pois aquele sonho simplesmente passou
na enésima vez em que a olhei.

Ela não era mais a mais bela;
nem sequer a mais feia entre as mais lindas.
Em meus sonhos estavam outras, não ela;
para o inferno suas idas e vindas!

CAPÍTULO 7

Desisti de tentar extrair
do caos de minha lembrança,
dos fragmentos de vida
misturados com a morte,
alguma ordem, alguma seqüência,
algum fato que possa ter para o mundo

algum pedaço de importância.

As sensações, porém, foram muito importantes,
como sempre elas são.

O prazer,
a derrota;
a dor, a tristeza,
alegria e vitória,
o calor da disputa;
o medo do sim,
do talvez e do não.

O fim da esperança,
o renascer de uma luz,
caminhos difíceis por onde transitam
milhares de pedras
a encontrar outras pedras.
Aquele que marca,
ilumina,
seduz.
E depois se apaga.
E jaz para sempre
ou até algum dia.

Aquela que luta,
reluta,
desiste.
Aquele que fala,
se cala, resiste...
ou simplesmente se abala.

Ou simplesmente resvala
para a vala comum do sofrimento finito,
infinito,
infiel;
feroz e tenaz,
voraz e real,
mortal e atroz...
impiedoso e cruel.

CAPÍTULO 8

A minha alegria não melhorou o mundo
nem a minha tristeza o fez infeliz.

* * *

As emoções que compartilhei com o mundo não me fascinam tanto
quanto as minhas lembranças que o mundo ignora;

que nenhuma influência sobre ele tiveram,
nenhuma emoção causaram aos povos
do pequeno planeta onde tenho vivido
as mil emoções que o mundo ignora.

* * *

“Muitas coisas poderiam ser ditas sobre aquela separação. Nenhuma delas, contudo, tão importante quanto aqueles três versos que O Inimigo escreveria quatro anos depois; versos que descrevem também outros trechos da minha vida. Inclusive, infelizmente, episódios em que fui eu quem estive no outro lado.”

Eu quis o desejo.
Mas tudo que senti foi a vontade
de ir além de um mero sentimento.

CAPÍTULO 9

Domingo, 1º de setembro de 1985:

Se o futuro te chama
e o passado te inflama,
e o futuro que queres é pouco mais que o passado,
o que é que procuras
aqui e agora?

Se eu não sou mais
do que o mero presente,
por que, simplesmente,
não vais logo embora?

Por que é que não cobres
marca por marca
e não fazes de vez
o caminho da volta?

Voltarás ao ponto de onde partiras?
Ou chegarás ao lugar a que não chegaras?

Eu não sei a resposta
e tu não sabes também.

Mas se o futuro e o passado
são juntos a chama,
o que queres de mim
no apagar desta hora?

CAPÍTULO 10

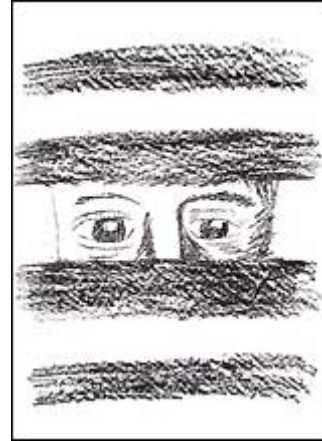
Eu vi um homem olhando
um pintor a pintar sua casa;

A maquiar sua vida,
seu mundo,
seu tudo;
a encobrir o seu nada.

Eu vi um homem parado,
de pé, em sua calçada:

Olhando a corrida do tempo,
a passagem da força,
a chegada da morte.

Dia após dia,
noite após noite.
No meio do entardecer...
ou no final da madrugada.



CAPÍTULO 11

Ele sonhou que era atacado por cachorros, cães enormes, ferozes e apavorantes.

Conseguiu livrar-se do primeiro perfurando seu pescoço com uma faca que trazia na mão direita, depois de usar o antebraço esquerdo como escudo. Ainda olhava horrorizado para o escudo coberto de sangue quando percebeu a aproximação de mais dois animais. “E agora?” Olhou em volta, desesperado, à procura de alguma coisa que pudesse salvá-lo. Uma barra de ferro! Talvez conseguisse escapar.

(O pesadelo fora generoso ao lhe conceder dois instrumentos de combate.)

* * *

Havia algum poema que falasse de cães? Havia:

O corpo está cansado;
e o coração
totalmente vazio.

Há silêncio;
mas um silêncio que fala
e diz tanto quanto o uivo de um cão

separado
de uma fêmea no cio.

Não, não podia ser aquele. Ele transmitia tristeza, não violência. Devia ser outro, que não falasse de cães:

No cerco feroz de uma terra selvagem
o desejo tenaz de uma vida melhor.
Mas a luta sem fim que exige coragem
quase sempre não passa de uma guerra sem glória
pra simplesmente evitar o pior.

* * *

— Bobagem! Poemas não causam pesadelos. Eles não têm tanto poder —
disse O Inimigo.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Não deveria ter. Qual seria a causa dos pesadelos? A morte?

— Também.

— O que mais?

Ele respondeu em sua linguagem predileta:

Os pesadelos que agitam seu sono
não são mais (nem menos) do que o mundo pesado
pesando
sobre a sua cabeça.

E o mundo pesado pesará novamente
(de maneiras mais perigosas)
depois que o sono amanheça.

Realmente. O mundo pesara tantas vezes que numa hora dominada por recordações os quilos se somavam, tornando-se toneladas e esmagando seu sono, com o peso pesado dos pesadelos.

* * *

O Inimigo estava preocupado, pois não queria que tivessem dele uma imagem falsa. E resolveu esclarecer que não era sempre, nem na maior parte do tempo, uma pessoa triste; nem queria que os outros o fossem. Apenas gostava de falar de momentos, todos os momentos. Mas principalmente dos tristes, é verdade, pois ficava alegre ao falar de algumas coisas tristes, retirava alegria da expressão de algumas tristezas.

Estranho? Nem tanto. Não foi difícil entender o que dissera O Inimigo. Ele só teve que lembrar-se de uma velha música de que gostava muito (Lord Is It Mine): a melodia era melancólica e a letra falava de momentos em que tudo parece estranho e não existe a menor vontade de lutar. Era muito bom ouvi-la, sempre, mas sobretudo quando estava triste: aquela música embelezava sua tristeza e a fazia menos solitária (como se a compartilhasse com os autores e intérpretes).

O Inimigo estava até parecendo simpático.

* * *

Lembrava-se bem daquele dia, um dia qualquer do ano de 1986. Foi quando encontrou num armário de sua casa um velho livro empoeirado, impresso em 1958, escrito ao longo de cinco décadas.

Perdido no meio de suas páginas estava um cartão de loteria esportiva perfurado em 1976. Ao lado do cartão havia um poema. Ao lado daquele, vários outros (pois tratava-se da obra completa – até 58 – de um famoso poeta). Mas foi aquele – escrito em 1912 na cidade de Teresópolis – que mais o impressionou. Ele começava assim:

Desencanto
Teresópolis, 1912

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

E terminava, depois de outros sete versos igualmente angustiados (um dos quais falava em “remorso vão”), com uma sentença terrível, expressão de um tipo de beleza que se extrai das tragédias vagarosas e rotineiras: “Eu faço versos como quem morre”.

O Inimigo – que já escrevera mais de 200 poemas antes de pôr os olhos naquele – também gostou muito. Gostou tanto que dali retirou mais um:

Desencanto, de Manuel Bandeira:
quanta tristeza!
Expressa, porém, de tal maneira
que daquele poema só há uma descrição:
quanta beleza!
Obrigado, meu caro Bandeira,
por fazeres tão bela a solidão.

CAPÍTULO 12

Segunda-feira, 5 de dezembro de 1983:

Ela mergulha dentro de mim,
toma conta
do meu pensamento.

É inútil querer
que não seja assim,
não adianta lutar contra tal sentimento.

Ela chegou de repente,

como um raio em dia de sol brilhante.

Agora está aqui,
muito perto,
em minha frente...

Mas parece muitas vezes bem distante.

O que eu posso fazer é tentar
e lutar pra seguir adiante.
Contra o quê, eu francamente não sei;
pois tudo que sei é onde quero chegar
e como quero viver
o meu próximo instante.

* * *

Sexta-feira, 27 de maio de 1988:

Cada vez mais “crítico”
e até mesmo “intolerante”
(ou apenas mais atento e alerta)
pareço incapaz de viver
outra vez a paixão que senti.
Será que senti?

CAPÍTULO 13

Episódios que começam mas nunca terminam
ou terminam mas não levam a nada.
Ou levam a coisas que finalmente se tornam
pouco mais do que mera lembrança.
O tempo individual
(que pena!)
é muito mais uma coleção de poemas
do que a trama bem feita de um grande livro
policiaL.

CAPÍTULO 14

Quarta-feira, 26 de julho de 2046:

“O que era simplesmente velho ganha fascínio ao ser promovido à condição de antigo. Eu sou, cada vez mais, uma antigüidade viva. O meu passado me fascina cada dia mais. A revolução dos bonecos, a criação dos robôs humanóides produzidos para o prazer de homens e mulheres, poderá me fazer menos velho. Far-me-á também, entretanto, com toda certeza, muitíssimo mais antigo. E, por conseguinte, ainda mais fascinante para mim mesmo. E também – eu espero – para aquelas pessoas que se interessam por antigüidades.”

* * *

Domingo, 26 de julho de 1987:

Em direção ao futuro, à possibilidade do vazio,
o presente se evapora ou se arrasta,
minuto a minuto,
segundo a segundo,
fração a fração.

O presente é fugaz,
o passado é imenso.
E se ele algum dia parar de crescer
nada haverá além dele mesmo.

Se eu tivesse que definir esse câncer,
esse tumor que se expande a cada instante,
eu não poderia deixar de dizer:
o passado é uma merda!
Por melhor que tenha sido o tempo que já passou,
ele sempre poderia ter passado
de maneira muito melhor.

CAPÍTULO 15

Uma noite perdida no tempo
mas viva na lembrança
viverá para sempre como a alma imortal,
se imortal for a alma.

Se, no entanto, eu morrer com este corpo,
que ela viva mais um pouco,
ainda que por mais um dia.

E mais uma noite de amor,
de prazer
ou de dor
ou simplesmente

quase vazia.

* * *

Lá fora na noite, feroz e hostil,
há o perigo e a chuva
encharcando a solidão.

Aqui dentro a felicidade,
na paz confortável do outro lado da noite,
parece mais, muito mais, que mais uma ilusão.

É assim que eu me sinto agora:
feliz por estar aqui dentro,
alegre por não estar lá fora.
Feliz neste exato momento,
até o momento ir embora.

Alegre, mas com um pouco de medo,
é assim que me sinto agora.
Feliz, mas com uma pergunta:
e depois que passar esta hora?

CAPÍTULO 16

Se nada tens a me dizer,
o mesmo te digo eu.
O silêncio que nos envolve é somente a conseqüência
da distância que nos separa.

Os prazeres que nos concedemos
reciprocamente
foram belas nuvens em dia de vento forte.
Algum dia, quem sabe,
o vento formará as mesmas nuvens
em tempo de calmaria.

* * *

Ainda que durassem os tempos de calmaria
no mundo das nuvens,
de nada teria adiantado.
Pois o vento se recusou
(teimoso como ele é)
a repetir aqueles desenhos.

CAPÍTULO 17

Ausência

Acordei na madrugada.
O corpo estava lá,
mas a mente não mais.

Lá estava a matéria,
mas o espírito se fora;
simplesmente seguira
a procurar seus iguais.

E então percebi que vivia
outra vez um daqueles momentos
angustiantes, cruéis, dolorosos
e sobretudo fiéis e finais.

CAPÍTULO 18

Embalado por meus sonhos de grandeza,
escalei as encostas do tempo
e brinquei com as cores da certeza.

Dominado por meus sonhos de beleza,
lancei flores e palavras ao vento
e joguei com as dores da tristeza.

Empurrado por meus sonhos de clareza,
eu olhei para cada momento
e não mais que dancei ao amargo sabor
do que mais encontrei: o rigoroso clamor da incerteza.

CAPÍTULO 19

Quinta-feira, 9 de setembro de 1999:

“O mundo é grande demais para mim, inevitavelmente. Mas eu posso crescer, tornar-me um pouco maior, reduzir um pouco a distância que me separa do tamanho do mundo. Vou dar um passeio com o cachorro e tentar ter um pouco da alegria que ele tem ao sentir os cheiros que eu não sinto nem gostaria de sentir.”

* * *

O mundo é feito de fatos e coisas,
de pessoas e atos
que não têm para mim nenhuma importância,
em sua imensa maioria.
É, portanto, um mundo em grande parte vazio,
deserto insignificante,
distante e arredio.
Mas tudo pode ser muito diferente:
se eu consigo sentir
o que o outro sente,
o semideserto se transformará
em colorida floresta exuberante;
capaz de preencher nossos olhos por anos e anos a fio
e até mesmo, quem sabe,
eternamente.

CAPÍTULO 20

Em algum lugar do passado:

São belos olhos
a me olhar com simpatia,
a sorrir bem-humorados
e a sugerir, talvez sem querer,
porém vívidos e animados,
grandes sonhos que eu pensei
que não mais sonharia.

Sonhos claros
de prazer,
sonhos fortes
de alegria,
belos sonhos...
excitados.

* * *

No mesmo lugar e em muitos outros:

Tudo começou com um momento mágico,
que superou até o meu sorriso cínico
e passando por cima do meu vício clínico
ignorou o meu sentir supostamente prático,
abrindo os mil caminhos de um tempo cálido.

Mas tudo terminou num movimento gélido.

Eu não posso evitar um sentimento trágico
sobre quem eu conheci no sentido bíblico.

CAPÍTULO 21

Homenagem do Inimigo às vítimas de uma tragédia dos vinte anos finais do século 20:

Entre o negro da noite
e o branco dos hospitais
um pacto sinistro:

Uma ameaça que paira,
uma sombra que ameaça.

Entre a máscara da morte
e os assassinos da liberdade
uma aliança tão macabra,
ou talvez ainda mais:

Um perigo a rondar,
um inimigo à espreita.

O medo
é seu maior instrumento.

Ao passado!
É a ira divina.
Ao passado!
É o castigo do céu.

Se a vida os faz livres,
então viva la muerte!

CAPÍTULO 22

E assim se passaram...

Tudo bem,
vamos indo;
vamos levando
e seguindo,
sorrindo falsos sorrisos
e celebrando falsas vitórias.

Na falta do que fazer
eu vou fazendo de conta que eu conheço você,
que eu sei quem você é.

Enquanto isso você
vai tentando se convencer
de que já decidiu o que quer.

E que tal tentarmos os dois
chegar à conclusão
de que sabemos o que fazer?

E assim nós vamos levando –
um dia,
uma noite,
outro dia;
semanas,
meses
e anos.

Repetindo o que se fazia,
relembrando o que se sentia
ou simplesmente sonhando
dormindo e acordado.

E assim nós vamos vivendo –
um dia,
uma noite,
outro dia;
tentando dar forma ao tempo,
preenchendo outra caixa vazia,
construindo outro sonho dourado.

Procurando às vezes
o caminho do certo,
quase sempre encontrando
o lugar do errado.

E temendo ver,
finalmente,
o fim de mais uma semente –
acabou,
terminou...

é passado.

CAPÍTULO 23

E o tempo levou...

Pensava-se naquilo que fora
ou ainda era
ou perdera a chance de ser.
No que ainda seria
ou simplesmente lutava
com medo e coragem,
covardia e bravura,
na esperança tardia
de algum dia nascer.

Tardia, sim, a esperança,
mas tempo ainda havia;
pois tempo sempre haveria enquanto o mundo girasse
e durasse o fascínio da dança;
sustentando a marcha que cansa com a grande energia da vontade de
andar,
de partir e de chegar,
de ouvir e de saber.

CAPÍTULO 24

Em muitos lugares do passado:

Eu pensei que andara,
mas estivera o tempo todo parado.

Sou a mesma criança:
irresponsável,
inatacável,
irrespondível.

Conservo as ilusões da infância
e as infantis reações explosivas
que nem mesmo a distância de suas origens
foi capaz de mudar.

Sou a mesma criança,

não consigo crescer.
E se não me atendes
e me contrarias
tenho vontade de ser forte o bastante para te derreter,
triturar e desfazer,
explodir e desmanchar.

* * *

Não sei o que fazer
e nem mesmo aonde estou agora a me levar.
E há momentos em que me pergunto se realmente vale a pena
persistir e correr,
aprender e tentar.

Noutros momentos eu tenho certeza
e tudo parece claro,
inequívoco e transparente:
perder é perder
e ganhar é ganhar.

Mas no instante seguinte a dúvida retorna
e eu duvido inclusive da realidade
da sólida certeza que há frações de segundo
tivera pra mim a rigidez de um altar.

inequívoco e transparente:
perder é perder
e ganhar é ganhar.

Mas no instante seguinte a dúvida retorna
e eu duvido inclusive da realidade
da sólida certeza que há frações de segundo
tivera pra mim a rigidez de um altar.

CAPÍTULO 25

Através da vidraça eu vi o tempo encolher
e senti
a vida passar.

E agora percebo
claramente como é difícil esquecer
e como pode ser doloroso
assistir e reviver ao lembrar.

CAPÍTULO 26

Estava escrito num caderno velhíssimo, guardado numa caixa um pouco menos antiga:

“Será muito bom se daqui a muitos anos esses versos não forem mais que um retrato fiel de uma grande parte da realidade dos tempos em que terei vivido:

Metamorfoses

O definitivo desmoronou,
o sólido se desmanchou
e o invencível
não resistiu e perdeu.

O que era fixo e imóvel
se moveu e partiu;
pois quando o cego claramente enxergou
o que era eterno simplesmente morreu.

Depois que o covarde bravamente lutou,
o pequeno lentamente cresceu.
E o imutável
(quem diria?)
transformou-se e mudou;
pois o que se arrastava
para surpresa geral ganhou força e correu.”

* * *

— Eu mesmo poderia ter escrito essa seqüência de palavras — respondera O Inimigo com certa pompa, no mesmo dia, agora remoto, em que o poema fora escrito. — E reconheço que você não está sendo muito ambicioso: esses versos vão certamente refletir uma parte da realidade dos tempos em que andarás sua vida. Se será uma parte grande ou pequena, muito importante ou não tanto, só o tempo dirá. Ou melhor, você saberá quando ele tiver passado.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— Eu também já escrevi os versos da minha velhice — dissera finalmente O Inimigo. — E eles são muito diferentes:

Atravessei uma floresta de montanhas
depois de escalar uma cordilheira de árvores.
E nem assim encontrei as pessoas estranhas
que iam mudar minha vida com estranhezas tamanhas
que em vez de pedra os seus corações
seriam feitos do mais puro mármore.

CAPÍTULO 27

— Amigos? — perguntou O Velho à folha de papel. — É claro que os tenho,

que sempre os tive, poucos e grandes, pequenos e muitos. É claro que me lembro com saudade daqueles que não tenho mais. E que me lembro, com a mesma saudade, das conversas, dos jogos, das celebrações.

Mas isso não é tudo, infelizmente — prosseguiu O Velho conversando com os ecos da folha de papel. — Não é tudo que eu tenho a dizer a respeito dos meus amigos. É uma pena que eles tenham participado tão pouco da minha vida. Que nenhum deles tenha, por exemplo, entre muitos outros exemplos, sentido o prazer e a angústia de escrever esses versos:

São montanhas desertas,
florestas estranhas,
pradarias abertas de distâncias tamanhas
que nada verás do que se passa comigo.

Eu canto, grito e até mesmo falo!
Mas, para ti, simplesmente me calo.

Pois nada ouvirás de tudo que eu digo.

CAPÍTULO 28

O Inimigo comemora a visita da saúde:

Do inferno de tempos idos,
pelo purgatório de tantas eras,
ao paraíso do futuro.
Algum dia, talvez.
Quem sabe?

Quem sabe?

EPÍLOGO

Segunda-feira, 31 de dezembro de 2046:

Tropecei na minha sombra
e caí no chão sombrio,
resistente e arredio
onde a vida me jogou.

Esbarrei na minha imagem
e quebrei o belo espelho
que mostrou a vã coragem...
que o tempo já levou.

* * *

O futuro finalmente chegou.
Meu passado não mais crescerá;
e nada haverá além dele mesmo.

As sombras que povoaram meu mundo
estão muito distantes.
Tão distantes estão
que sequer ouvirão meu flácido adeus.

POST-MORTEM

“Não deixo certezas como herança. Deixo apenas algumas palavras que desembocam – como afluentes de um rio – em caudalosa interrogação.”

* * *

Navegando nos perigos
de mares muito agitados,
no silêncio ruidoso
de grandes sombras caídas,
no ataque audacioso
a heróis idolatrados,
em reencontros irados de lições não percebidas;
em momentos infelizes
ou alegres e cansados,
no tempo já esgotado
sem rumo nem diretrizes;
no chiado das cornetas,
dos teclados,
das atrizes;
na corrida dos tarados,
prostitutas,
meretrizes;
na voz rouca das trombetas,
dos cantores excitados,
eu pergunto alucinado:

Como Vivem Os Felizes?